

**UM CHÃO DE HISTÓRIAS: A SOBREVIVÊNCIA DO
CAMPELINATO ALENTEJANO E SUAS MARCAS NA TERRA**
A GROUND OF HISTORIES: THE ALENTEJO PEASANT SURVIVAL
AND THEIR BRANDS ON THE FIELD

Daniel Vecchio Alves^{1}*

RESUMO

O objetivo deste artigo concentra-se no estudo das representações históricas, elaboradas por José Saramago, que enfatizam as disputas pelas terras alentejanas e pelo controle miliciano da sua mão de obra, disputas que são representadas em *Levantado do chão* especialmente por meio de quatro gerações de uma família camponesa: os Mau-Tempo. Do silêncio à palavra, da palavra à libertação, veremos o percurso problemático trilhado pelas personagens desse romance, até o dia em que os camponeses erguem suas cabeças e se levantam de um chão marcado por seus sofrimentos.

Palavras-chave: Narrativa; história, opressão; Alentejo.

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the historical representations, elaborated by José Saramago, that highlight the disputes over Alentejo lands and the militant control of its working labor. These disputes are represented in *Levantado do chão* by four generations of a peasant family: the Mau-Tempo. From silence to words, from words to freedom, we will see the challenging path of this novel's characters, up to the day the peasants raise their heads and lift themselves from a ground marked by their suffering.

Keywords: Narrative; history; oppression; Alentejo.

¹ * DANIEL VECCHIO ALVES é doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) onde foi bolsista do CNPq. É mestre em Estudos Literários e licenciado em História pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), com bolsa de mestrado da CAPES. Tem mestrado em Educação e Tecnologias Digitais pela Universidade de Lisboa. Atualmente é bolsista de Pós-Doc pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com bolsa da FAPERJ. Áreas de pesquisa: História e Ficção, História dos Imaginários, História das viagens ultramarinas, História da Literatura com ênfase na história do romance.



Memórias da vida agrícola

Lutas, explorações, territórios e possessões. Tudo na história humana parece conter suas raízes na terra. Por inúmeras razões, os territórios atraem e motivam algumas pessoas e, muitas vezes, proporcionam sofrimento a outras. Para adentrarmos nessas relações de disputa e sobrevivência pela terra, os objetivos deste artigo concentram-se no estudo das representações históricas elaboradas por José Saramago que enfatizam as disputas pelas terras alentejanas e pelo controle miliciano da sua mão de obra trabalhadora, disputas que são representadas em *Levantado do chão* especialmente por meio de quatro gerações de uma fictícia família camponesa: os Mau-Tempo.

Tal romance já foi objeto de variados estudos acadêmicos, sendo seu enredo sintetizado de variadas formas, por isso o que se propõe aqui é apenas mais uma forma de interpretá-lo. Ao se deter sobre o romance *Levantado do chão*, Teresa Cristina Cerdeira, por exemplo, o caracteriza como uma “epopeia camponesa [...] uma epopeia nova que, da univocidade do mundo primeiro, ordenado à medida dos deuses, evolui para uma multiplicidade de visões, fruto de um tempo contraditório” (SILVA, 1989, p.193), ou ainda como um “texto de intenções ideológicas bem definidas” a “tangenciar o panfletário ou, em medida semelhante, o motivo, decodificando imagens que poderiam ficar implícitas” (SILVA, 1989, p. 237).

Levantado do chão foi objeto, também, de investigações que o caracterizam como romance “político por excelência”. Entretanto, uma caracterização mais justa, distante do panfletarismo, seria reconhecer o romance como “práxis artística formalmente problematizadora, tendo em vista a construção de um texto realmente revolucionário” (FERREIRA, 2016, p. 6). Com base nessa perspectiva, tentamos empreender um exame sucinto sobre a inovadora representação histórica dos camponeses alentejanos promovida em *Levantado do chão*, tendo em vista a ideia de que a terra é, de fato, um lugar em que diferentes indivíduos e famílias se encontram e se desencontram, deixando nela suas marcas de luta e sobrevivência. Por isso, trata-se o campo de um lugar rico em intervenções de todo tipo, lugar onde ocorrem as primeiras angústias e cometimentos dos homens.

Contudo, para Saramago, a luta pela terra e pela sobrevivência no Alentejo vai muito além das marcas humanas na terra, ela se mostra mais complexa porque não se restringe a camponeses, enxadas, soldados e armas, abrangendo, também, ideias, desejos, sonhos, sentimentos, imagens e representações de indivíduos e famílias diversas. Logo, Saramago valeu-se de uma gama de aspectos socioculturais para tratar da experiência de vida de um determinado grupo de camponeses, compondo, assim, o seu famoso romance de 1980.

Em *Levantado do chão* estamos perante um labirinto infinito de campos percorridos forçadamente por muitos lavradores, trajetória em que se verifica a própria tensão física, mental e política desses trabalhadores, consequência principal da desresponsabilização de Salazar pelas atrocidades governamentais cometidas contra o campesinato no geral: “[...] tantas andanças e tão poucas seguranças, melhor seria calar e mandar dizer depois. Homem, que não

temos sossego nem assento, de um lado para o outro como o judeu errante, com estas crianças pequenas, é uma aflição, [...]” (SARAMAGO, 2012, p. 29).

Tal denúncia também pode ser identificada no famoso Discurso Nobel de José Saramago, proferido no ato de sua premiação, em 1998:

Vieram depois os homens e as mulheres do Alentejo, aquela mesma irmandade de condenados da terra a que pertenceram o meu avô Jerónimo e a minha avó Josefa, camponeses rudes obrigados a alugar a força dos braços a troco de um salário e de condições de trabalho que só mereceriam o nome de infames, cobrando por menos que nada a vida a que os seres cultos e civilizados que nos prezamos de ser apreciamos chamar, segundo as ocasiões, preciosa, sagrada ou sublime. Gente popular que conheci, enganada por uma Igreja tão cúmplice como beneficiária do poder do Estado e dos terratenentes latifundistas, [...] (SARAMAGO, 2010, s/p).

Similar à vida de seus avós, em *Levantado do chão*, Saramago nos narra a sobrevivência diária de indivíduos que lutam contra um sistema que os mantém afastados física e psicologicamente dos mecanismos de poder. Na história de um Portugal rural reconfigurado na sobrevivência de uma família alentejana desde 1905 até 1974, este livro apresenta uma imagem profunda de ignorância, pobreza, submissão e exploração do trabalho físico, tendo como pano de fundo acontecimentos que marcaram a história nacional ou internacional, eventos que, por sua vez, provocaram pouca repercussão entre os camponeses.

Levantado do chão representa eventos como a implantação da primeira república em 1910, a I Guerra Mundial, a Guerra Civil Espanhola, a ascensão do Estado Novo em Portugal, seguida, por fim, pela Revolução dos Cravos. Esses acontecimentos históricos surgem como eventos distantes da vida dos camponeses: “Correram vozes em Monte Lavre de que havia uma guerra na Europa, sítio de que pouca gente no lugar tinha notícias e luzes” (SARAMAGO, 2012, p. 47). Tal clausura social reflete certo “aprisionamento mental na forma como obriga esses indivíduos a uma resignação [material e] psicológica. Herança do neorrealismo no reaproveitamento da temática da exploração rural, este romance recupera aqueles que a História tenta esquecer” (BALTAZAR, 2017, p. 155).

O livro que José Saramago escreveu sobre o Alentejo trava “um diálogo claro com aquilo que o neorrealismo português buscou fazer, fato que, aliás, é reconhecido pelo próprio autor quando diz que *Levantado do chão* pode ser considerado como o último romance do neorrealismo, fora já do tempo neorrealista” (SARAMAGO *apud* REIS, 1998, p. 25-26). Tendo em vista a consideração de que esse movimento literário se desenvolveu entre finais da década de 1930 e meados da década de 60, por questões cronológicas, evidentemente, *Levantado do chão* não pode ser considerado neo-realista. Contudo, notando-se alguns de seus elementos constitutivos, como o grupo social retratado, sendo possível detectar a presença de algumas outras heranças temáticas e formais.

No entanto, segundo Mário Sacramento (Cf. SACRAMENTO, 1985), o valor documental que os escritores neorrealistas pretendiam conferir às suas obras era marcado por um erro doutrinário: o de aderir à tese de que o proletariado era uma classe em ascensão por mérito de seu esforço. Logo, sem elementos suficientemente concretos para representar a conscientização dos grupos marginalizados socialmente, tais obras se limitavam a tratar do esforço aparentemente meritocrático que posiciona uma pequena burguesia ascendente, trazendo para a ficção “imagens do operariado e do campesinato portugueses baseadas em projeções [familiares] que eles, pequeno burgueses, em geral, faziam do povo mais desfavorecido” (TESCHE, 2007, p. 27).

Em *Levantado do chão*, por sua vez, encontramos uma narração de auto-reflexão e indagação identitária a partir de uma perspectiva opressora dos camponeses alentejanos, que contam “a história, não só de populações isoladas ou condicionadas politicamente, mas da humanidade e da luta contra uma vivência no campo pautada por continuadas injustiças” (BALTAZAR, 2017, p. 154). Na complexidade dos eventos que evidencia a permanência de tais injustiças, o narrador do romance nos revela, contudo, uma tomada de consciência social do campesinato no decorrer do século XX, cujo processo se reproduz na dinâmica de um real de múltiplas frentes, fundado na perspectiva vivencial de diversas famílias e indivíduos desse meio rural.

Da história dos camponeses em *Levantado do chão*

Para Maria Alzira Seixo, “*Levantado do chão* é, antes de mais, a epopeia dos trabalhadores alentejanos, a elucidação da reforma agrária, a narrativa dos casos, conhecidos ou não [...], que fizeram do Alentejo um mar seco de carências, privações, torturas, sangue e uma total impossibilidade de viver” (SEIXO, 1999, p. 36). A instigante maneira de Saramago narrar e perscrutar a história alentejana tem rica fundamentação nas páginas de *Levantado do Chão*. Nele, o passado não é algo irreversivelmente acabado, mas volta a se atualizar e a se repetir no tempo presente das quatro gerações da família Mau-Tempo representadas.

Levantado do Chão apresenta, assim, o desejo de criação de novas escrituras: a escritura de uma nova história em que aqueles que se aventuraram pelos campos agrícolas sejam os grandes mártires da nação, ao contrário da tradição portuguesa que elegeu os marinheiros como protagonistas legítimos de seu passado: “O latifúndio é um mar interior. Tem seus cardumes de peixe miúdo e comestível, suas barracudas e piranhas de má morte, seus animais pelágicos, leviatãs ou mantas gelatinosas, [...]” (SARAMAGO, 2012, p. 319). Em sobreposição à tradicional história de Portugal, simplesmente escamoteada pelo passado ultramarino saudosista e messiânico, está dirigida toda a trágica aventura do camponês:

Acordar para o presente foi, enfim, acordar para a terra, para esse “mar interior” do latifúndio onde os homens sofrem e lutam sem os padrões dos passados, sem o nevoeiro luminoso de um eterno porvir. O movimento novo faz-se do mar para a terra como já anunciava, aliás, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*: “onde o mar se acabou e a terra espera”. Em *Levantado do Chão* essa terra conquista o seu contorno no tempo, faz-se digna de história, terreno dos sonhos dos homens (SILVA, 1989, p. 194).

Nesse sentido, do mar à terra, é o próprio Saramago quem afirma, em palestra realizada na Universidade da Califórnia (UCLA), em Los Angeles, que:

Os meus romances obedecem a um processo de releitura e reinterpretação da memória do passado, em que sempre se encontra presente o facto de a História ser apenas, desse passado, a parte sistematizada. As lacunas, os espaços de indeterminação, os erros da História pedem uma reescrita ficcional que tenha por objetivo implantar raízes naqueles lugares que, voluntariamente ou não, foram elipsados da malha do tecido histórico (SARAMAGO, 2002, p. 1-2).

Na reconfiguração desse tempo passado, *Levantado do chão* reelabora e dá significado à parcela camponesa da população portuguesa, distante dos registros da história oficiais. Adentrando na causa principal do conflito entre os latifundiários e os camponeses oprimidos pelo excesso de trabalho e pelo lucro mal distribuído da produção agrícola, o narrador fornece, aliás, a informação de que a história que conta não obedecerá aos valores registrados oficialmente por jornais, relatórios e fichas de ocorrência policial.

No entanto, embora os personagens de *Levantado do chão* estejam atrelados ao campo da ficção, “não se pode desprezar o fato de que José Saramago, a partir de uma experiência local sua, tenha trazido, para o romance, a realidade do homem do campo português” de várias gerações (TESCHE, 2007, p. 18). Segundo o autor, essa vivência no Alentejo ocorreu quando

Estive em Lavre, da primeira vez, dois meses, depois, por intervalos, umas tantas semanas mais, e quando de lá voltei trazia cerca de duas centenas de páginas com notas, casos, histórias, também alguma História, imagens e imaginações, episódios trágicos e burlescos, ou apenas do quotidiano banal, acontecidos diversos, enfim, a safra que é sempre possível recolher quando nos pomos a perguntar e nos dispomos a ouvir, sobretudo se não há pressa. Andei por Lavre, Montemor-o-Novo, Escoural, por lugares de gente e descampados [...] (SARAMAGO, 1980, p. 30).

Sobre o registro de dados promovido por Saramago durante tais períodos em que vivenciou o cotidiano do camponês alentejano, muitos foram os aspectos que o surpreenderam:

Você pode imaginar o que é estar a conversar com um velho rural de 70 anos, digo eu, dizes tu, e de repente ele abre ali uma gaveta, tira uns poucos cadernos de papel almaço, escritos em letra garrafal e firme, creia que até os erros de ortografia eram firmes: “Está aqui a história da minha vida”. Foi isto que me aconteceu. Levei para o meu buraco a história de João Domingos Serra contada pelo próprio, li-a nessa mesma noite, a tremer de comoção e frio (era Março), e quando acabei tinha, finalmente, a trave mestra do que viria a ser o “Levantado do Chão”. Aquela vida verdadeira era assim como uma fiada de pedras postas a atravessar a corrente torrencial de dados em que já me ia submergindo. Por cima de tal ponte podia agora circular à minha vontade. Mas a vida, se repararmos bem, só é o que vidas forem (SARAMAGO, 1980, p. 30).

Diante dos manuscritos biográficos de João Domingos Serra, camponês que comporta o nome de dois dos quatro principais representantes da família Mau-Tempo (Domingos e

João), Saramago contempla as memórias, os costumes, os imaginários e as necessidades do campesinato alentejano. Desse modo, o romancista propõe fazer uma investigação sobre a história e vida do trabalhador agrícola a partir da análise dos registros que fez dos períodos vivenciados junto a diversos trabalhadores alentejanos, memórias que tornam a história do campesinato num romance que conta o passado dos portugueses que permaneceram na luta por melhores condições de vida em seu país, narrando, sobretudo, uma luta pela terra: “Note-se bem que esse projecto é uma aventura da ficção, mas de certa forma todo o discurso histórico o é também, já que nasce da aventura de um eu narrativo diante de um material documental – testemunhos, traços – [...]” (SILVA, 1989, p. 230).

A obra de Saramago apresenta, portanto, uma constante interrogação sobre o registro da memória. Nesse sentido, Maria Alzira Seixo sublinha, em *O essencial sobre José Saramago*, que o escritor “arrisca a própria invenção do mundo, pois os caminhos da ficção [são] os que mais justificadamente conduzem ao encontro da verdade. [...]. Saramago entende que a história do mundo é a escrita conjunta da acção e da reflexão humana” (SEIXO, 1987, p. 42). É justamente pela representação de elementos da memória e do imaginário que Saramago “tem por objetivo a reescrita ou a reinterpretção da história, [...]. A necessidade de reorganizar o passado por intermédio do ficcional reside na capacidade de reinscrever, reativar, relocalizar e ressignificar o passado” (BALTAZAR, 2017, p. 158).

Por conseguinte, em nossa hipótese de leitura, o romance *Levantado do chão* não é uma mimesis passiva da realidade alentejana ou simples legitimação da dominação da burguesia com a reprodução de suas ideologias. Ao contrário, pretendemos demonstrar aqui que Saramago deforma, transgride e subverte as ideologias que legitimam a manutenção da atual e histórica ordem social, econômica e política. A subversão “não elimina um porvir utópico possível” (FERREIRA, 2016, p. 5). Para Teresa Cristina Cerdeira (1989), apesar de José Saramago transgredir a história em comparação à história contida nos documentos, *Levantado do chão* aproxima-se efetivamente do fazer histórico: eles são selecionados e interpretados de modo a aludir a diversos momentos históricos como já dito, mesmo oferecendo uma visão alternativa senão precária dos acontecimentos passados. Logo, ao dizer que a história dos homens e do latifúndio pode ser narrada de outro modo, o autor nos remete ao fato de que existem diversas formas de se narrar o passado, revitalizando as ações e os traumas humanos.

Nesse cenário de reescrita, o campesinato alentejano assumiu-se como ator social de primeira importância na resistência ao regime fascista e na reivindicação por melhores condições de vida e de trabalho. A conquista das oito horas diárias de trabalho é uma luta exemplar durante todo o romance, pois sua conquista possibilita o fim do sistema do trabalho de sol a sol, que chegava às catorze e dezesseis horas diárias, justificando, com isso, a contestação dos alentejanos à ditadura e à escravidão contemporânea por almejar uma sociedade mais justa: “Visto de Monte Lavre, o mundo é um relógio aberto, está com as tripas ao sol, à espera de que chegue a sua hora” (SARAMAGO, 2012, p. 138).

O narrador conta o que fez a polícia política ao torturar os lavradores que se rebelaram contra as condições desumanas de trabalho, circunstância que fez Saramago buscar no passado de Portugal dados acerca dos presos torturados e assassinados pela polícia. Como refere uma das personagens, entre os homens prepondera a sensação de nulidade e estagnação, pois:

É [tudo] a mesma miséria de antigamente, Os patrões são os donos da terra e de quem trabalha nelas, Somos ainda menos do que os cães do prédio e dos prédios, esses comem todos os dias, levam-lhe o tacho cheio, ninguém seria capaz de deixar um animal passar fome, Quem não souber tratar de animais, vale mais que não os tenha, Mas com os homens é diferente, cão não sou e não como há dois dias, e este rancho de homens que veio aqui falar é uma canzoada, andamos a ladrar há tanto tempo, um dia destes calamo-nos e mordemos, como fazem as formigas de cabeça vermelha, aprendamos com elas, são estas que levantam a cabeça como cães, repara nas tenazes, não as tivesse eu a pele tão dura, calejada do punho da foice, já estaria a sangrar. É um dizer da boca para fora, se alivia, mas não remedeia (SARAMAGO, 2012, p. 360).

Na complexidade desses eventos, que resultam numa lenta tomada de consciência social, *Levantado do chão* acaba por mesclar história e ficção para justapor a história de cada uma de suas personagens com um pouco da existência dessas outras, também reais, firmando, assim, “a dinâmica de um real de múltiplas frentes” (FAURI, 2017, p.170-171), visto que “são casos verdadeiros estes, por isso custam tanto a crer a quem se pauta por ficções” (SARAMAGO, 2012, p. 47). Para a abordagem dessa multiplicidade, são de suma importância as marcas da oralidade da cultura campesina local, tendendo com isso criar uma permeabilidade entre a história e a ficção paralelamente aos costumes e às narrativas da realidade camponesa.

Tais aspetos encontram-se de igual forma vinculados à narrativa de Saramago, que se caracteriza por distintas temporalidades discursivas articuladas às tradições do Alentejo, tradição essa que, além dos provérbios, tem sua representação variada de acordo com as narrativas de caça, as narrativas da prole, as narrativas de acidentes e assaltos na estrada, e as histórias correntes durante os períodos de seara, histórias que são narradas principalmente pelo narrador e pelos personagens como António Mau-Tempo e Sigismundo Canastro: “[António] Será grande contador de histórias, vistas e inventadas, vividas e imaginadas, e terá outras” (SARAMAGO, 2012, p. 124).

Entre a leitura do passado e do presente realizada pelo narrador e pelos personagens da obra, abre-se uma nova narrativa desdobrada das tradições e das experiências de vida. Em *História e memória*, por exemplo, Jacques Le Goff afirma que “Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 2003, p. 477). Essa parece ser uma das chaves possíveis de leitura do romance *Levantado do chão*, que visa “reler a história através da literatura, resgatar a memória coletiva dos massacrados da terra – metonimicamente representados pela família Mau-Tempo – na luta por libertação” (FERREIRA, 2016, p. 43).

Em *Levantado do chão*, o relatar do passado surge como criação de uma tradição sócio-histórica relida e reinterpretada, tendo em vista que o tempo é infundável e “[...] todos os dias têm a sua história, um só minuto levaria anos a contar, o mínimo gesto, o descasque miudinho duma palavra, duma sílaba, dum som, para já não falar dos pensamentos [...] não acabaríamos nunca mais” (SARAMAGO, 2012, p. 59). É com base numa retrospectiva microdimensional que a narrativa saramaguiana de *Levantado do chão* promove uma refiguração do germe dos conflitos agrícolas do Alentejo, sem deixar de salientar a questão da herança das terras doadas aos germanos (estrangeiros), os quais multiplicaram suas proles e suas posses, incluindo nisso o seu poder sobre os trabalhadores agrícolas.

No romance, essa perspectiva aparece personificada pelo fazendeiro Lamberto Horques Alemão e seus familiares, representados nominalmente sempre pelo sufixo “berto”: “[...], de Lamberto nasceu Dagoberto, de Dagoberto nasceu Alberto, de Alberto nasceu Floriberto, e depois veio Noberto, Berto e Sigisberto, e Adalberto e Angilberto, Gilberto, Ansberto, Contraberto, que admiração é essa terem tão parecidos nomes, é o mesmo que dizer latifúndio e dono dele, [...]” (SARAMAGO, 2012, p. 195-196).

Dentre os seus inúmeros herdeiros, evidencia-se a tática ideológica da sucessão que mantém a concentração de riquezas da região, ponto esse explicitado pelo narrador quando se refere ao que “ele próprio [Lamberto Horques Alemão], ali com sua mulher honrada e já seus filhos, haveria de espalhar semente aonde lhe aprouvesse” (SARAMAGO, 2012, p. 26). A narrativa, contudo, conforme avança na representação da história da humilde família Mau-Tempo, “deixa entrever uma mudança de atitude que, a um só tempo, recupera o olhar dos donos das terras a partir do alto de seus castelos e um outro olhar que ‘se levanta’: dos trabalhadores que se reúnem para fazerem ouvir a sua voz como sujeitos” (FAURI, 2017, p.164). Em sua arquitetura textual ascendente, *Levantado do chão* vai ao encontro de uma tentativa de regaste da memória de um povo brutalmente oprimido, afetando a história de cada camponês:

O povo fez-se para viver sujo e esfomeado. Um povo que se lava é um povo que não trabalha, talvez nas cidades, enfim, não digo que não, mas aqui, no latifúndio, vai contratado por três ou quatro semanas para longe de casa, e meses até, se assim convier a Alberto, e é ponto de honra e de homem que durante todo o tempo do contrato se não lave nem cara nem mãos, nem barba se corte. E se o fizer, hipótese ingênua de tão improvável, pode contar com a troca dos patrões e dos próprios companheiros. É esse o luxo da época, gloriarem-se os sofreadores do seu próprio sofrimento, os escravos da escravidão. É preciso que este bicho da terra seja bicho mesmo [...] que o homem esteja abaixo do animal, que esse, para se limpar, lambe-se, é preciso que o homem se degrade para que não se respeite nem a si próprio nem aos seus próximos (SARAMAGO, 2012, p. 73).

Diante desse conflito, Saramago explora o tempo e o espaço de um século de história, projetando em seu romance uma recuperação da memória familiar que oscila entre a refiguração de um passado visto sob o olhar oprimido dos camponeses e a reabilitação de uma identidade

fragmentada por séculos de opressão. Portanto, da família alentejana dos Mau-Tempo, retratada ao longo do século XX, Saramago traça um lento processo de diminuição da alienação social, realçando uma consciência social que progride não plenamente no decorrer da narrativa.

Tal processo de emancipação sociopolítica, que aos poucos se engendra principalmente com a figura de João Mau-Tempo, vai metaforicamente sendo acompanhado por um movimento físico, de levantar a cabeça, o olhar ou a voz dos camponeses: “[...], juntemo-nos todos para exigir o nosso salário, porque já vai sendo tempo de termos voz para dizer o valor do trabalho que fazemos, não podem ser sempre os patrões a resolver o que nos pagam” (SARAMAGO, 2012, p. 144). Nessa luta diária coletiva contra as necessidades mais básicas da vida humana, a família Mau-Tempo representa os padecimentos de muitas outras famílias: “e se é em fome e misérias que estamos a pensar condoídos, qualquer outra família serviria, tão abundantes nisso são as populações” (SARAMAGO, 2012, p. 64).

Deitados no chão: o silêncio na primeira geração Mau-Tempo

Nessa primeira geração, os personagens vivem num isolamento político e geográfico, reflexo da alienação dos trabalhadores agrícolas. Sob a imagem da Santíssima Trindade, Latifúndio, Estado e Igreja, a família dos Mau-Tempo sobrevive em meio a uma sucessão irônica de Bertos (Lamberto, Angilberto, Floriberto, Norberto, Gilberto, Adalberto). Sendo assim, percebe-se que o discurso romanesco de *Levantado do chão* trava um confronto permanente com as ideologias oficiais, com o discurso do Estado, da Igreja e do Latifúndio que, nas palavras conferidas ao padre Agamedes, formam a “santíssima trindade” (SARAMAGO, 2012, p.242). Trata-se de símbolos e linguagens que visam manter estanque a divisão de classes e a opressão dela derivada, “criando uma falsa ideia da realidade para ocultar a opressão” (FERREIRA, 2016, p. 44).

Cumprindo a função de denunciar uma realidade social extremamente perversa vivida pelos camponeses alentejanos, *Levantado do Chão* denuncia que, para tais camponeses, “a transição da monarquia à república não significou melhores condições de vida, pois não foi acompanhada da necessária reforma agrária: o latifúndio permaneceu intocado” (FERREIRA, 2016, p.45). Em resumo, o latifúndio atravessa incólume o tempo, por isso o narrador não hesita em denunciar tal imobilismo: “[...] os salários, pelo pouco que podiam comprar, só serviam para acordar a fome, houve aí trabalhadores que se juntaram, inocentes, e foram ao administrador do concelho pedir melhores condições de vida” (SARAMAGO, 2012, p. 34).

Trata-se, evidentemente, de um advento problemático da república portuguesa que o romance registra, suscitando uma reflexão melancólica de que tal mudança política não alterara a situação miserável dos trabalhadores agrícolas: “Apoiado pelas leis divinas que a Igreja traduz e pelas leis do direito dos homens que o Estado impõe, o Latifúndio sente-se forte para dominar, fazendo com que essa dominação não seja tida como violenta, mas como legal” (SILVA, 1989, p. 97).

Como exposto, esse latifúndio está representado pela descendência de Lamberto Horques Alemão, “alcaide-mor de Monte Lavre por mercê do rei Dom João o primeiro” (SARAMAGO, 2012, p. 24). Esse estrangeiro, “de falar desentendido”, traz de fora os privilégios que lhe concede o poder sobre parte das terras portuguesas e inaugura uma linhagem de latifundiários, constituindo, assim, uma relação feudal com os trabalhadores e com a terra: “Ganhavam os homens doze ou treze vinténs, e as mulheres menos de metade, como de costume. Comiam ambos o mesmo pão de bagaço, os mesmos farrapos de couve, os mesmos talos” (SARAMAGO, 2012, p. 33).

Nessa primeira geração dos Mau-Tempo, praticamente inexistia qualquer tipo de reverberação dos acontecimentos históricos em suas vidas. Necessidades mais básicas encobriam fatos importantes, o que contribuía para a manutenção das injustiças no campo e no mundo: “[...] o latifúndio percebeu tudo e deixou-se estar [...] entre o latifúndio monárquico e o latifúndio republicano não se viam diferenças e as parecenças eram todas” (SARAMAGO, 2012, p. 34). As vozes dos camponeses alentejanos no início do século XX foram voluntariamente caladas. Nesse sentido, os Mau-Tempo fazem parte de toda uma história do campesinato, constituída por aqueles que tiveram que lutar contra a fome, a miséria e a opressão: “Se é verdade que tal situação é homóloga a tantas outras em regiões diversas e em tempos não exactamente iguais, tal universalidade só vem reiterar a recorrência do processo sem lhe anular a especificidade” (SILVA, 1989, p. 196-197).

O romance de José Saramago se inicia ainda antes do Estado Novo, momento em que decorreu a primeira república portuguesa. Porém, como esclarecido ao longo do romance, “Desse tempo não se registam factos históricos que chegassem a [transformar] os latifúndios alentejanos. Mas fica presente um quadro social, uma miséria campesina, um sistema elitista na divisão da terra, a presença de um fado sem remédio para aqueles que não se incluem entre os privilegiados pelo sistema” (SILVA, 1989, p.217).² Em *Levantado do chão*, a chegada da primeira república é assim caracterizada:

Então chegou a república. Ganhavam os homens doze ou treze vinténs, e as mulheres menos da metade, como de costume. Comiam ambos o mesmo pão de bagaço, os mesmos farrapos de couve, os mesmos talos. A república veio despachada de Lisboa, andou de terra em terra pelo telégrafo, se o havia, recomendou-se pela imprensa, se a sabiam ler, pelo passar de boca em boca, que sempre fora o mais fácil. O trono caíra, o altar dizia que por ora não era este reino o seu mundo, o latifúndio percebeu tudo e deixou-se estar, e um litro de azeite custava mais de dois mil réis, dez vezes a jorna de um homem [...]

(SARAMAGO, 2012, p. 138).

² “Não passava de formalismo político (de simples negação por assim dizer da monarquia e do clericalismo) sem conteúdo concreto reformador na economia e na educação. Nem se aperfeiçoou a economia existente, nem se democratizou realmente nada; nenhum dos factores de importância básica na vida económica e moral (como a propriedade, o crédito, a educação ou a assistência) [...]” (SÉRGIO, 1978, p. 121).

Diante da miséria dos trabalhadores rurais, registra-se, também, a falta de responsabilidade do Estado sobre esse quadro social por permitir que a massa camponesa não tivesse condições mínimas de subsistência, assegurando aos Bertos uma estrutura que os amparasse de qualquer aborrecimento financeiro, sem deixar de manter a ordem por meio da guarda: “[...], toda a semana trabalharam sem saber quanto valia o trabalho [...]” (SARAMAGO, 2012, p. 196).

O tempo da primeira república é representado pelos acontecimentos cuja ressonância não chega a atravessar as fronteiras da ignorância e da limitada comunicação para atingir os camponeses alentejanos. Logo, “do golpe militar, que inaugura o Estado Novo e põe fim ao primeiro segmento da história republicana, o narrador não oferece detalhes, apenas longínquas alusões e a certeza de que, mais uma vez, tratava-se de uma decisão política sem respaldo popular, de cuja existência as classes populares que viviam fora dos grandes centros, sequer tinham consciência” (SILVA, 1989, p. 220).

O sombrio tempo do Estado Novo, portanto, não trouxera novidades para a situação de miséria em que viviam as famílias do campo, impondo um maior endurecimento do sistema de segurança e vigilância do Estado, da polícia política que tentava evitar as ameaças do bolchevismo, fantasma da classe burguesa de então. A mercê desses fatores, a família Mau-Tempo apresenta um destino trágico já demarcado por gerações. Nesse quadro comum, o narrador utiliza uma recorrente animalização para descrever os trabalhadores do latifúndio, meros “animais de pernas e braços” (SARAMAGO, 2012, p. 71), “canzoada” (p. 72), “bicho da terra” (p. 73), “bichos estranhos” (p.108), “cavalos” (p. 119), “macacos” (p. 166), “coelhos do latifúndio” (p.290), “cães” (p.313) e “porcos” (p.320).

Tal desumanização dos indivíduos está associada à anulação da identidade dos camponeses perante aos mandos e desmandos dos latifundiários. A primeira geração da família Mau-Tempo, protagonizada por Domingos Mau-Tempo e Sara da Conceição, vagueia de vilarejo em vilarejo em busca de um teto para morar e de trabalho para garantir o sustento. Trata-se de um tempo de total sujeição, de silêncio, de submissão irrestrita a uma ordem política, econômica e cultural antidemocrática: “Começou Domingos Mau-Tempo a cair em tristeza, como um monstro desterrado, que é essa a maior de todas as tristezas, tal se vê na história da bela e a fera, e não tardou que dissesse para a mulher, Temos de abalar daqui para fora, que já não me encontro cá bem, [...]” (SARAMAGO, 2012, p. 41).

Uma das primeiras cenas do romance começa por focalizar esse casal errante em primeiro plano, transportando móveis e roupas debaixo de forte chuva, a caminho de São Cristóvão: “Estão longe os abrigos, mesmo sem horta nas costas, não há outro remédio que receber nelas quanta chuva caia” (SARAMAGO, 2012, p. 17). Diante da imagem primária do camponês, carente de necessidades básicas e restrito às informações político-econômicas, o narrador não abdica, entretanto, de uma visão crítica sobre esse cenário:

A grande e decisiva arma é a ignorância. É bom, dizia Sigisberto no seu jantar de aniversário, que eles nada saibam, nem ler, nem escrever, nem contar, nem pensar, que considerem e aceitem que o mundo não pode ser mudado, que este mundo é o único possível, tal como está, que só depois de morrer haverá paraíso, o padre Agamedes que explique isto melhor, e que só o trabalho dá dignidade e dinheiro, porém, não têm que achar que eu ganho mais do que eles, a terra é minha, quando chega o dia de pagar os impostos e contribuições, não é a eles que vou pedir dinheiro emprestado, que aliás sempre foi assim, [...] (SARAMAGO, 2012, p. 204).

As alianças entre a Igreja e o Estado se revelam sem nenhum pudor: ambos garantem a preservação da situação de privilégios que não deve ser desmascarada. Pelo terrorismo moral e pelo terrorismo físico, a religião protege tais privilégios ressaltando a lição de que somos condenados a viver na terra a pagar pelos nossos pecados. Nesse sentido, “É preciso que esse bicho da terra seja bicho mesmo” (SARAMAGO, 2012, p. 73). Esse período de penúria levará Domingos Mau-Tempo ao suicídio e Sara da Conceição ao manicômio. Com o suicídio do seu pai, João Mau-Tempo se torna “homem da casa” aos dez anos de idade:

Vai pois o filho a passar no lusco-fusco de um sol ainda longe, sai-lhe ao caminho a mulher do Picanço, e diz-lhe, Então, João, para onde vás. Responde o dos olhos claros, Ora, vou para a Pedra Grande arrancar mato. E a Picança, Ai, coitadinho, tu não podes com o enxadão e o mato é tão grande. Facilmente se vê que é uma conversa de pobres, entre uma mulher feita e um homem no princípio, [...] (SARAMAGO, 2012, p. 56).

Mais uma vez o discurso romanescos acusa um sistema que não poupa sequer as crianças, deixando o menino João Mau-Tempo entregue à própria miséria. Na tentativa de dissuadir os trabalhadores de fazerem rebeliões e greves, o padre recorre a passagens bíblicas para convencer os jovens do contrário, conformando-os de sua situação social de penúria: “E o padre Agamedes, às ovelhas apascentadas, O vosso reino não é deste mundo, padecei para ganhades o céu, quanto mais lágrimas chorardes neste vale das ditas, mais perto do Senhor estareis quando tiverdes abandonado o mundo, que todo ele é perdição, diabo e carne [...]” (SARAMAGO, 2012, p. 107-108). O reino de Deus e a guarda manipulavam a mentalidade dos trabalhadores, condenando-os novamente “à alienação e à perpetuação de uma vida em que direitos e deveres nunca poderiam ser iguais” (TESCHE, 2007, p. 91).

Mesmo diante de um cenário extremamente opressor, os camponeses redigiram uma petição a Lamberto, pedindo melhores salários: “[...], houve aí trabalhadores que se juntaram, inocentes, e foram ao administrador do concelho pedir melhores condições de vida” (SARAMAGO, 2012, p. 34). Tais camponeses não tinham consciência do que seu gesto significava, muito menos de suas consequências, pois, para o latifundiário, “a carta significou um vento mau de insurreição, um rosnar de lobo acuado e faminto que grande dano causaria se viesse a transformar-se em exercício de dentes” (SARAMAGO, 2012, p. 35). A guarda passaria, então, a ser acionada para controlar os atentados à “ordem”, livrando Lamberto dos incômodos trazidos pela reverberação das ideias republicanas. Porém, mesmo com a atuação da guarda, os ditos “incômodos” dos Bertos não paravam de aumentar.

A segunda geração Mau-Tempo e a era das primeiras vozes

No decorrer do romance, os personagens envolvem-se física e psicologicamente em lutas por melhores condições, como a defesa do aumento de salário, porque estão a acabar “os tempos da conformação” (SARAMAGO, 2012, p. 328), de modo a “[...], não aceitar a jorna de vinte e cinco escudos, não trabalhar por menos de trinta e três escudos, de sol a sol, porque assim tem de ser ainda” (SARAMAGO, 2012, p. 138).

Além disso, os camponeses precisavam fugir das atrocidades, dos interrogatórios e dos assassinatos cometidos pela Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE). A falta de provas desses crimes é remediada pela tradição oral e memorialista dos camponeses, que não se esquecem dos traumas vividos por diversas famílias. De tais acontecimentos são as formigas uma forma de demarcar, metonimicamente, o testemunho dos camponeses perante tais atrocidades. As formigas presenciam os diversos crimes cometidos pela guarda durante décadas, perpassando, o narrador da obra, pela tortura de Germano Santos Vidigal, personagem verídico, a quem é dedicada a obra, juntamente com José Adelino dos Santos, outro camponês assassinado.

Germano Santos Vidigal foi um operário líder do sindicato dos trabalhadores da construção civil, “assassinado com esmagamento dos testículos, depois de três dias de tortura no posto da guarda nacional (GNR) de Montemor-o-Novo, em 1945. Quanto a José Adelino dos Santos, foi assassinado a tiro pela GNR, durante uma manifestação em Montemor-o-Novo” em 1958, [...]” (FERREIRA, 2016, p. 42).³ Desse modo, Germano Santos Vidigal é um dentre os vários personagens que saem das páginas da história e entram nas páginas da ficção para serem novamente torturado e assassinado:

Já levaram o corpo. Escarro e Escarrilho arrumam a ferramenta do ofício, o cacete, o vergalho, esfregam os nós dos dedos, inspeccionam biqueiras e tacões, não fosse ter ficado agarrado fio de roupa ou mancha e sangue que denuncie aos olhos agudíssimos do detective Sherlock Holmes a fraqueza do álibi e o desencontro das horas, mas não há perigo, Holmes está morto e enterrado, tão morto como Germano Santos Vidigal, tão enterrado como não tarda que este esteja, e sobre estes casos hão-de passar os anos e há-de pesar o silêncio até que as formigas tomem o dom da palavra e digam a verdade, toda a verdade e só a verdade (SARAMAGO, 2012, p. 191).

Nesse período de silêncios e autoritarismos, Germano foi declarado, pelo médico legista e pelos policiais, como suicida, morto por enforcamento: “Diga lá, doutor Romano, [...], Se alguém tem um arame enrolado duas vezes no seu próprio pescoço, com uma ponta presa no prego acima da cabeça, e se o arame está tenso por causa do peso mesmo que parcial do corpo, trata-se sem dúvida nenhuma, tecnicamente, de enforcamento [...]” (SARAMAGO,

³ “Mais dados a respeito de Germano Santos Vidigal pode ser obtido no arquivo virtual do jornal *Avante!* em: <https://www.avante.pt/pt/1905/pcp/108879/Dois-comunistas-que-o-fascismo-assassinou.htm>.

2012, p.177). Os registros de execução de torturas é sempre um evento sem testemunhas, mas não sem documentos que possam reavivar pistas, lacunas e imaginários. Para isso, é possível aos historiadores reler os processos forjados, as fichas e os laudos controvertidos, perpassando pelas brechas textuais e semânticas dos relatos pessoais e dos documentos oficiais: “Em Monte Lavre pouco se sabe das prisões, tudo é vago, [...]” (SARAMAGO, 2012, p. 181).

João Mau-Tempo, Sigismundo Canastro e Manuel Espada também foram encarcerados no casarão da PIDE, acusados de terem liderado uma greve camponesa por aumento do salário de 25 para 33 escudos. Depois de muito relutar, os Bertos acataram com o pedido e os camponeses saíram vitoriosos, no entanto, aos três líderes coube enfrentar sucessivos interrogatórios: “[...], Sigismundo Canastro, João Mau-Tempo e Manuel Espada sabem que estão dados como principais cabeças da greve” (SARAMAGO, 2012, p. 151-152).

Portanto, de João a Germano encontramos as cenas de torturas aos líderes executados pela PIDE durante a ditadura salazarista. Temos, assim, os momentos de interrogatórios e até assassinatos históricos, que visavam reprimir o “avanço do comunismo”, momentos esses que foram refigurados pelo romance de Saramago sob o ponto de vista dos camponeses oprimidos. No referido caso do camponês Germano Santos Vidigal, temos sua cena de tortura narrada no romance a partir do olhar das formigas, as únicas testemunhas desse e outros crimes:

Agora mesmo caiu um dos homens, fica ao nível das formigas, não sabemos se as vê, mas vêem-no elas, e tantas serão as vezes que ele cairá, que por fim lhe terão decorado o rosto, a cor do cabelo e dos olhos, o desenho da orelha, o arco escuro da sobrancelha, a sombra tão branda da comissura da boca, e de tudo isto mais tarde se farão longas conversas no formigueiro para ilustração das gerações futuras, que aos novos é útil saberem o que vai pelo mundo. Caiu o homem e logo os outros o levantaram de empuxão, gritaram-lhe cada um de seu lado, duas perguntas diferentes, como seria possível dar as respostas mesmo querendo dá-las, e não é o caso, porque o homem que caiu e foi levantado irá morrer sem dizer uma palavra que seja (SARAMAGO, 2012, p. 169).

As formigas assistem e se dispõem a narrar, atribuindo à cena as verossimilhanças dos fatos registrados pelo próprio autor, que, como as formigas, perambulou pelas regiões do Alentejo em busca de memórias camponesas silenciadas. No romance, são as formigas “habitadas a ver os seus mortos” (SARAMAGO, 2012, p. 173), e nunca se enganam em suas observações, pois possuem antenas para perceber o que se passa no mundo ao seu redor. Por isso, quando o assassinato de Germano se transforma em suicídio atestado pelo médico, elas reagem indignadas: “Lavra grande indignação entre as formigas, que assistiram a tudo, ora umas, ora outras, mas entretanto juntaram-se e juntaram o que viram, têm a verdade inteira, até a formiga maior, que foi a última a ver-lhe o rosto, em grande plano, como uma gigantesca paisagem, e é sabido que as paisagens morrem porque as matam, não porque se suicidem” (SARAMAGO, 2012, p. 176).

Ao dar corpo ficcional aos relatos verídicos dessa segunda geração de *Levantado do Chão*, o narrador da obra nos apresenta um João Mau-Tempo já adulto, sendo junto com Sigismundo Canastra e Miguel Espada (seu futuro sogro) um dos principais articuladores das primeiras greves gerais dos camponeses alentejanos: “Mau-Tempo, conta a história, que é melhor para ti e para os teus [...] se não confessares não saís daqui vivo, é melhor para ti se falares [...] mas hoje o que João Mau-Tempo sente é uma grande pena e alívio por não ter falado” (SARAMAGO, 2012, p. 255).

Junto com outros trinta e dois camponeses, João Mau-Tempo acaba sendo preso e levado a Lisboa, amarrado por cordas e vigiado pela guarda: “[...] caça aos trabalhadores que andam incitando os outros à rebelião e greve, deixando os trabalhos agrícolas parados e o gado sem pastores, [...]. Assim os levaram, como a récua de burros albardados de açoites, pancadas e dichotes vários [...]” (SARAMAGO, 2012, p. 35). Nos dias marcados pela presença da guarda no campo, os camponeses, ao saírem de suas “casas, dos palheiros, dos lugares do gado, recebem no peito o peitoral dos cavalos e nas costas por enquanto pranchadas, até que Ferrabrás, excitado como boi picado de mosca, roda o punho do sabre e cerce, corta, talha, pica, cego de raiva, porquê não sabe” (SARAMAGO, 2012, p. 35).

Nesse cenário de violência, os campos de cultivo são comparados a campos de morte, onde os menos resistentes vão sucumbindo como numa guerra. A violência institucional cometida marca essa cena extremamente visual, que acaba “por representar um governo que faz da insensatez e da prontidão do Estado em atender os Bertos uma marca [...] do século XX” (TESCHE, 2007, p. 57). Na demarcação desse terreno de brutalidades, os torturadores de Germano Santos Vidigal e João Mau-Tempo são chamados de Escarro e Escarrilho, “em sintonia com o papel abominável que exercem. O cabo se chama Tacabo e o tenente Contente, denominação que alude à passividade de quem se contenta em ser capacho do poder constituído” (FERREIRA, 2016, p. 83).

Nessa crescente luta contra um Estado punitivo, “as formigas, observadoras silenciosas, transformam-se em cães a ladrar e, então, em homens que ganham voz e se levantam do chão” (SILVA, 1989, p.226). Aos poucos, em *Levantado do Chão*, a crença de que as coisas não mudam porque existem desde sempre se retrai, pondo fim à primeira geração dos Mau-Tempo. Tal convenção é lançada para, momentos depois, “ser derrubada pela própria voz que a proferiu, acentuando-se assim o jogo entre o afirmar e o negar com o qual o leitor constantemente depara-se ao longo do romance” (TESCHE, 2007, p. 12-97). Assim, o romance expressa a tentativa de recuperação da identidade alentejana a partir da manifestação de insatisfação contra o poder dominante. João e Faustina protagonizam a segunda geração da família Mau-Tempo, que testemunha não somente a ascensão da ditadura salazarista, mas, também, a ascensão gradativa dos camponeses.

Gerando três filhos (António, Gracinda e Amélia), esse casal passa a não mais aceitar as misérias do campo: “É então que João Mau-Tempo abre a boca e as palavras saem, tão naturais como se fossem água a correr de boa fonte. Ficaré a seara no pé, que nós não vamos por menos.

Não respondeu o feitor, que tinha também o almoço à espera e não estava para conversas de pouco fiar” (SARAMAGO, 2012, p. 150). O momento no qual João Mau-Tempo abre a boca e as palavras naturalmente saem é bastante sintomático para apontar um período de transição. A difícil conquista da palavra coincide com a lenta evolução da consciência:

João Mau-Tempo é a coluna-mestra de uma estrutura que começa a levantar-se e a adquirir contornos mais nítidos ao longo desse romance [...]. A caminhada de João indicará sendas jamais percorridas por Domingos, ele se fará perguntas que o pai jamais fizera. Herda aos dez anos a chefia da casa, com os deveres e nenhum direito que a pouca idade lhe poderia conceder. A idade escolar chegara-lhe no advento da República e teve a chance de aprender as letras, de ir à escola, sorte que já não se repetiria mais tarde com seus próprios filhos nascidos na ditadura que com letras pouco se importava (SILVA, 1989, p. 235).

Nesse segundo ciclo de maturidade dos camponeses, João Mau-Tempo mostra-se como a metonímia de um povo que está aprendendo a se levantar do chão. Não haveria outra forma de dar voz à massa campesina senão a deixando falar, utilizando o recurso da memória e da imaginação campesina que reinterpreta e infere o passado quando os registros oficiais silenciam a violência moral e física cometida contra os trabalhadores agrícolas.

A terceira geração Mau-Tempo: o tempo das cabeças levantadas

Se no início do romance é a voz do narrador que denuncia a ordem estabelecida em tom de protesto, na terceira geração da família Mau-Tempo, os personagens começam a perceber a realidade na qual estão inseridos e a confrontá-la efetivamente com a própria voz. Manuel Espada, por exemplo, sobrenome que remete à luta ou ao conflito, foi um dos primeiros a se rebelar e a organizar os trabalhadores contra as condições degradantes de mão de obra, chegando a abandonar o trabalho diante do próprio capataz: “Os ceifeiros endireitam-se e começam a ouvir os nomes, Custódio Cação, Sigismundo Canastro, Manuel Espada, Damião Canelas, João Mau-Tempo. No rancho em que estamos, são estes os amotinadores, os outros, arrebanham-nos a esta mesma hora, [...]” (SARAMAGO, 2012, p. 158).

Evidentemente, não se trata ainda de uma rebelião de grandes proporções, apenas de uma pequena reação provocada pela revolta por causa das condições de vida, similar a “bestas” (SARAMAGO, 2012, p. 108). Manuel Espada e outros grevistas foram denunciados à guarda nacional: “Então vocês, seus malandros, não têm vergonha nessa cara, vão passar o mar ao outro lado, costa de África com vocês, para aprenderem a respeitar aqueles que mandam, entre para aqui o Manuel Espada, e o interrogatório começou” (SARAMAGO, 2012, p. 116).

É António Mau-Tempo, outro representante da terceira geração da família Mau-Tempo, que, de modo bastante simbólico, assume, com Sigismundo Canastro, o papel de narrador ou de contador de causos, simbolizando toda crítica social ascendente entre os camponeses: “Fez

António Mau-Tempo uma pausa, bebe um gole curto de vinho, para falar melhor, limpa a boca às costas da mão, não há guardanapo mais natural, e torna a dizer, Acham eles que passando nós fome nas nossas terras nos devíamos sujeitar a tudo, mas aí é que se enganam, [...]” (SARAMAGO, 2012, p. 243). Mesmo não escolarizado, António Mau-Tempo chega à análise crítica das injustiças de que são vítimas, recusando-se a aceitar passivamente como verdade o discurso da tríplice ideologia a quem interessa manter as injustiças do latifúndio.

Das parábolas narradas, o caso da lebre, que distraidamente lê os jornais largados na beira das estradas e que acaba por ser atropelada, e o caso do coelho preso por uma orelha e depois libertado são nucleares para a narrativa. Não são apenas meras estorietas, mas enredos exemplares que “explicam por metáforas a história do latifúndio” (SILVA, 1989, p. 253). No caso das lebres curiosas, por exemplo, tais animais não poderiam ver um jornal caído pelas estradas e iam logo querer saber o que se passava nos grandes centros. Ao notarem tal gesto, os caçadores passaram a usar o próprio jornal como isca para atrair as lebres e depois matá-las:

[...] daí a pouco aparece a primeira lebre, aos saltos, morde além, trinca por este lado, e de repente fica com as orelhas espetadas, viu o jornal, Que faz ela, Coitada, nem desconfia, vai naquela ânsia de saber as notícias, corre para o jornal e começa a ler, é uma lebre feliz e contente, não lhe escapa uma linha, mas eis senão quando chega o nariz ao montinho da pimenta e funga, E que é que acontece, O mesmo que lhe aconteceria a si se lá estivesse, espirra, bate com a cabeça na pedra e morre, E depois, Depois é só ir buscá-la, mas querendo, passa-se por lá umas horas mais tarde e então é um cinturão de lebres, atrás de uma foi a outra, é o que têm, são muito curiosas, não podem ver um jornal (SARAMAGO, 2012, p. 282-283).

Conforme suscita a história contada por António, haverá um tempo em que a curiosidade não será mais cobrada e punida com a prisão, a tortura e a morte, tempo esse e que as lebres curiosas como os Mau-Tempo da geração seguinte, representada por Maria Adelaide Espada, poderão ler em paz os seus jornais e gozarão do direito de saber, de pensar, de falar e de agir: “o tempo não era mais dos feitores, mas das lebres curiosas” (SILVA, 1989, p. 254).

A quarta geração Mau-Tempo: o tempo das “lebres curiosas”

O questionamento das condições do povo que se fez para “viver sujo e esfomeado” leva personagens como António, Gracinda e Amélia, filhos de João e Faustina, a uma revolta que surge após momentos epifânicos: “é como se tivesse vivido sempre com os olhos fechados e agora, enfim, os tivesse abrido, primeiro tem de saber o que é a luz, são coisas que sempre levam mais tempo a explicar do que a sentir” (SARAMAGO, 2012, p. 352).

Tal revelação de Maria Adelaide, situada no final de *Levantado do chão*, corresponde à neta de João que já se encontra liberta da traumática herança política dos Mau-Tempo e passa a compreender de fato as repressões sofridas por seus parentes. Por isso, após a morte de João Mau-Tempo, Maria Adelaide torna-se “o eixo do tempo novo, o que justificará, por

exemplo, que o capítulo que narra Abril de 74 se inicie situando-a no trabalho, na família e na acção revolucionária” (SILVA, 1989, p. 259). Trata-se do tempo da consciência e da luz que vão iluminando, não mais com a parca luz do vagalume, a escuridão do campo: “[...] Maria Adelaide não é menos do que os outros, está de nariz levantado, curiosa parece uma lebre que cheirou o jornal, diria seu tio António Mau-Tempo, [...]” (SARAMAGO, 2012, p. 350).

Maria Adelaide Espada, representante da quarta geração da família Mau-Tempo, já não traz consigo a alcunha da família, pois representa um tempo novo, de emancipação e liberdade. Apesar desse progresso mental dos camponeses conforme se aproxima o fim do salazarismo, parece existir uma preocupação do autor em caracterizar a Revolução dos Cravos como um movimento que ainda não ocasionou uma libertação popular. Nesse âmbito, é possível afirmar que, no romance, a vida do povo não foi substancialmente modificada mesmo com o advento do movimento revolucionário de abril de 1974:

As maiores mudanças dão-se pelo lado de fora, mais estradas e mais automóveis nelas, mais rádios e mais tempo a ouvi-los, entendê-los é outra habilidade, mais cervejas e mais gasosas, porém quando o homem se deita à noite, ou na sua própria cama, ou na palha do campo a dor do corpo é a mesma, e muita sorte sua se não está sem trabalho. De mulheres nem vale a pena falar, tão constante é o seu fado de parideiras e animais de carga (SARAMAGO, 2012, p. 133-134).

Diante do exposto, o 25 de Abril não operou uma emancipação da massa camponesa. Logo, ao trazer uma perspectiva mais crítica a respeito de tal movimento revolucionário, Saramago antecipa aspectos que apenas análises mais recentes sobre a revolução portuguesa levantaram, como as de Eduardo Lourenço, Lincoln Secco e Kenneth Maxwell. Os autores de, respectivamente, *Mitologia da Saudade*, *A Revolução dos Cravos* e *O império derrotado*, caracterizaram o 25 de Abril como um movimento que, apesar de ter sido um marco importante da vida política portuguesa, não conseguiu ir muito além de reformas capitalistas.

Saramago trata o movimento revolucionário com maior rigor crítico, numa perspectiva menos ufanista. Todavia, apesar desse ponto crítico mais pessimista, o autor aponta que, se “do chão se levantam as searas e as árvores, levantam-se os animais que correm os campos ou voam por cima dele, levantam-se, também, os homens e as suas esperanças” (TESCHE, 2007, p. 38). Desse modo, José Saramago põe-nos diante de um processo que vai da alienação à consciência do trabalhador agrícola, por mais que esse processo não tenha sido ainda concluído. Nesse ínterim, a família Mau-Tempo transita pela fronteira entre a ditadura e a democracia, entre o espaço-tempo da sujeição e o espaço-tempo da libertação, sendo a Revolução dos Cravos um marco decisivo para a tão sonhada mudança (que ainda não se efetivou).

Observamos não apenas a formação do novo camponês (João Mau-Tempo, António Mau-Tempo e Manuel Espada), mas também a formação da nova mulher (Maria Adelaide Espada), ou seja, de um novo mundo possivelmente mais igualitário: “Do silêncio à palavra, da

palavra ao grito, do grito à libertação. Eis o percurso trilhado pelas personagens do romance até o dia ‘levantado e principal’” (FERREIRA, 2016, p. 79). Nesse cenário de históricas mudanças e infelizes permanências, o romancista dá-se o direito de dar voz aos camponeses silenciados e de celebrar, enfim, a conquista do tempo pelos reconhecidos heróis de Portugal.

Por fim, em nossa leitura, o romance *Levantado do chão*, de José Saramago, se inscreve dinamicamente numa matriz estrutural e estruturante de determinada época histórica. A historicidade inscrita nessa obra não se fecha num panfletarismo qualquer, mas num escopo complexo de mediações entre a inovação estética e crítica dos indivíduos e dos coletivos humanos na história. Sendo assim, não nos pareceu que a história surja, nessa obra, como simples elemento ou técnica capaz de criar no leitor o sentimento de estar em contato com uma realidade histórica plena.

Trata-se aqui de pensar um fazer literário que se quer história e não apenas um romance que compactua complementarmente com ela. Por isso, mostramos, ao longo deste artigo, que a narrativa romanesca de *Levantado do chão* buscou vias alternativas de conciliação com a compreensão do mundo histórico e atual de Saramago. Sua intervenção crítica extrapola qualquer imitação gratuita do passado, tendo em vista os diversos documentos consultados e produzidos pelo autor para a construção do romance.

Referências

BALTAZAR, Raquel. Levantar os olhos do chão, uma imagem da consciencialização humana em *Levantado do chão*, de José Saramago. **Revista de Estudos Saramaguianos**, Lisboa, n. 6, p. 153-167, ago. 2017.

FAURI, Ana Letícia. “Levantado do Chão”: o romance como recuperação da história. **Via Atlântica**. São Paulo, n. 31, p. 155-173, 2017.

SARAMAGO, José. **Levantado do chão**. 17^a. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

SARAMAGO, José. Discurso proferido por José Saramago ao receber o Nobel de Literatura. **Sarau Eletrônico**. FURB, 2010. Acessado em 30/11/2020 https://bu.furb.br/sarauEletronico/index.php?option=com_content&task=view&id=191.

SARAMAGO, José. **Da memória à ficção, através da história**. Los Angeles: UCLA Regents Lecturer, 2002.

SARAMAGO, José. Entrevista conduzida por Ernesto Sampaio. **Diário de Notícias**. Sábado, 8 de Março de 1980, p. 30. Acessado no dia 9/12/2020 em: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=06832.182.28684#!30>.

FERREIRA, Bruno da Costa. **A subversão ideológica no romance *Levantado do Chão***. 102 p. Dissertação de mestrado da UFRN. Natal, 2016.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª ed. Trad. Bernardo Leitão. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

REIS, Carlos. **Diálogos com José Saramago**. Lisboa: Caminho, 1998.

SACRAMENTO, Mário. **Há uma estética neo-realista?** Lisboa: Vega, 1985.

SEIXO, Maria Alzira. **Lugares da ficção em José Saramago**. Lisboa: INCM, 1999.

SEIXO, Maria Alzira. **O essencial sobre José Saramago**. Lisboa: IN-CM, 1987.

SÉRGIO, António. **Breve Interpretação da História de Portugal**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. **José Saramago entre a história e a ficção: uma saga de Portugueses**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.

TESCHE, Camile. **História e Poder: uma leitura de *Levantado do Chão***. 134 p. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 2007.